

“Aonde eu sou criado ninguém gosta de racista”: as letras de rap e a Linguística Aplicada Transgressiva na ressignificação de expressões racistas

“Where I am raised, no one likes racists”: rap lyrics and Transgressive Applied Linguistics in the resignification of racist expressions

Henrique Rodrigues Leroy¹
Thainá Rocha da Silva²

Resumo: O presente trabalho visa evidenciar o papel das letras de músicas de rap na ressignificação de termos que foram amplamente utilizados em contextos sociais e discursivos de racismo, caracterizando o gênero musical como prática da Linguística Aplicada Transgressiva (LAT) (Pennycook, 2006) por excelência. A partir dos construtos entextualização, indexicalidade e ideologias linguísticas, oriundos da Antropologia Linguística (Moita Lopes; Gonzalez; Melo; Guimarães, 2022) e dos aportes teóricos “Entextualização e Indexicalidade de Dentro para Fora” e “Entextualização e Indexicalidade de Fora Para Dentro” (Rocha da Silva, 2024), serão analisados os usos das palavras “cria” e “neguinha” — localizadas e selecionadas a partir da ferramenta de busca da Hemeroteca Digital — em anúncios de compra e venda de pessoas escravizadas, datados do século 18, e em letras de rap de épocas atuais, a fim de observar os sentidos que as palavras atribuem em diferentes períodos, além de analisar se estes aludem ao racismo. A partir de definições dicionarizadas, presentes em dicionários do passado e do presente, será feita uma análise comparativa dos sentidos dicionarizados com os utilizados em letras de rap, a fim de observar se apresentam alguma distinção semântica e contextual, além observar como o rap é um aliado na luta antirracista no âmbito da linguagem. Como resultado, evidenciou-se que palavras não são por si só racistas, mas sim utilizadas por pessoas racistas para reproduzir seus preconceitos. Além disso, a pesquisa também destacou o papel fundamental das letras de rap na luta contra o racismo linguístico, sendo práticas concretas da Linguística Aplicada Transgressiva (Pennycook, 2006).

Palavras-chave: Racismo linguístico. Rap. Linguística aplicada transgressiva. Colonialidades da linguagem. Antropologia linguística.

Abstract: This paper aims to highlight the role of rap lyrics in the re-signification of terms that have been widely used in social and discursive contexts of racism, characterizing the musical genre as a practice of Transgressive Applied Linguistics (TAL) (Pennycook, 2006) par excellence. Based on the constructs of entextualization, indexicality, and linguistic ideologies, originating from Linguistic Anthropology (Moita Lopes; Gonzalez; Melo; Guimarães, 2022) and the theoretical contributions "Entextualization and Indexicality from the Inside Out" and "Entextualization and Indexicality from the Outside In" (Rocha da Silva, 2024), this study will analyze the uses of the words "cria" and "neguinha" —located and selected using the search tool of the Digital Newspaper Archive— in advertisements for the purchase and sale of enslaved people, dating from the 18th century, and in rap lyrics from current eras, in order to observe the meanings that the words attribute in different periods, as well as to analyze whether these allude to racism. Using dictionary definitions from past and present dictionaries,

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, área de Linguística Aplicada – Português Língua Materna e Adicional, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Mestrado Profissional em Letras, Belo Horizonte, MG, Brasil. Endereço eletrônico: henriqueлерoy25@gmail.com.

² Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, MG, Brasil. Endereço eletrônico: rochathaina30.s@gmail.com.

a comparative analysis will be made between the dictionary meanings and those used in rap lyrics, in order to observe if they present any distinction. This study examined semantics and context, as well as how rap is an ally in the anti-racist struggle within the realm of language. As a result, it became evident that words are not inherently racist, but rather used by racist individuals to reproduce their prejudices. Furthermore, the research also highlighted the fundamental role of rap lyrics in the fight against linguistic racism, representing concrete practices of Transgressive Applied Linguistics (Pennycook, 2006).

Keywords: Linguistic racism. Rap. Transgressive applied linguistics. Colonialities of language. Linguistic anthropology.

Introdução

O debate acerca de palavras e expressões racistas sempre causa polêmica, uma vez que ele mescla dois fenômenos que sempre geram discussão: racismo e linguagem. É inegável que no Brasil sempre houve um movimento de negação do racismo, respaldado pelo mito da democracia racial (Gonzalez, 1984), pelo apagamento de informações sobre a escravização, pelo pacto narcísico da branquitude (Bento, 2022) entre outras formas de silenciamento dessa realidade do país. No que diz respeito à linguagem, há uma ideia consolidada de que a língua e a linguagem podem ser reduzidas a dicionários e gramáticas normativas, uma ideia que, infelizmente, é compartilhada por uma parcela considerável da população e não condiz com a realidade. Assim, ao unir as duas dimensões, o racismo linguístico é frequentemente invisibilizado e diminuído, mesmo sendo a partir dele que episódios de discriminação racial (Machado, 2023), tanto direta quanto indireta, são constantemente materializados, podendo ser evidenciados em xingamentos racistas, no descaso com a educação pública, na hierarquização de variedades linguísticas e em políticas linguísticas que excluem determinados grupos (Nascimento, 2019).

Este artigo destaca o gênero musical rap³ como um instrumento de combate ao racismo linguístico, através da ressignificação de palavras e expressões racistas, evidenciando o poder que pessoas que são constantemente invisibilizadas, devido à estrutura racista da sociedade, detêm sobre a língua. O rap sempre sofreu com a marginalização, principalmente por ser fruto de realidades periféricas, criado por e para pessoas negras, pois surgiu tendo como um de seus objetivos denunciar desigualdades sociais e raciais, além de cantar sobre a realidade e os sonhos de pessoas periféricas e denunciar abusos cometidos por quem pertence às elites. “Corpos e territórios periféricos são e sempre serão essencialmente políticos e revolucionários, assim como todas as manifestações artísticas e linguísticas que se desenvolvem dentro deles” (Botelho, 2022, p. 9).

³ Sigla que, em inglês, significa *Rhythm and Poetry* (ritmo e poesia). Mesmo sendo uma sigla em inglês, optamos por não utilizar itálico no termo ao longo do trabalho, a fim de reforçar o impacto do rap no Brasil como parte da cultura negra e periférica do país.

Por sua origem, frequentemente o rap é julgado como um estilo musical inferior, o que também escancara outra faceta do racismo: a marginalização da cultura negra, fruto do preconceito racial (Silva, 2023). No entanto, ele é uma fonte rica de cultura e política e pode ser um importante aliado dos estudos linguísticos por inúmeros motivos. Pretendemos, assim, destacar a conexão do rap com a Linguística Aplicada Transgressiva (Pennycook, 2006) e com o letramento racial crítico (Ferreira, 2022), promovendo uma educação que visa a nos libertar das amarras coloniais e dando espaço para que pessoas marginalizadas exerçam com liberdade suas práticas e direitos linguísticos.

O rap, além de cantar sobre a realidade das pessoas periféricas, que é composta em sua maioria por pessoas negras, também atua na significação e ressignificação de termos que foram utilizados com conotações racistas durante muito tempo, como é o caso das palavras “cria” e “neguinha”, que serão analisadas no presente trabalho a partir das suas definições dicionarizadas em obras dos séculos XIX e XXI, mais especificamente o *Diccionario da Lingua Portugueza*, de 1823, produzido pelo bispo Antônio de Moraes e o *Aulete Digital*, de 2007. A partir dos verbetes, serão analisados os usos dos termos em diferentes momentos, em recortes de anúncios de compra, venda e procura de pessoas escravizadas, que serão os exemplos do século XIX, e em letras de rap do século XXI, a fim de investigar a presença — ou não — do racismo linguístico, além de observar como o gênero musical tem influência e representa a modificação e ressignificação de termos feitas por pessoas que são colocadas sistematicamente em espaços de inferioridade.

Além disso, o trabalho objetiva desctrinhar as situações de racismo linguístico, utilizando como aporte teórico os construtos “entextualização” (Rampton, 2006; Blommaert, 2012), “indexicalidade” (Hanks, 1999) e “ideologias linguísticas” (Silverstein, 2003), advindos da Antropologia Linguística, analisando como tal forma de opressão por meio da língua pode ser compreendida. Também serão utilizadas nas análises as noções de entextualização e indexicalidade de dentro para fora e entextualização e indexicalidade de fora para dentro (Rocha da Silva, 2024), a fim de expor como as categorias “quem fala”, “como fala”, “de onde fala”, “para quem fala” e a “inteligibilidade” auxiliam na identificação do racismo linguístico, que também pode resultar na discriminação racial direta (Rocha da Silva, 2024).

Metodologia

A Linguística Aplicada nos permite trazer as linguagens e suas produções textuais e discursivas para campos diversos do saber. Por exemplo, para este trabalho específico, relacionamos a linguagem com a Antropologia Linguística, com a Sociologia e com os Estudos Raciais Críticos, uma vez que estamos nos apropriando de categorias de análise antropológicas para ressignificarmos palavras e expressões que podem produzir e veicular ideologias racistas ou não. Quando trazemos este mesmo estudo para a Linguística Aplicada

Transgressiva (Pennycook, 2006) problematizamos, por meio de saberes diversos, os diversos sentidos e ideologias que as palavras, os textos e os discursos têm produzido e, ao mesmo tempo, almejamos e visamos a trazer, a resgatar e a fomentar produções de sentido que ultrapassem as fronteiras e as barreiras dos preconceitos, das discriminações e do racismo. Assim, trabalhar com a Linguística Aplicada Transgressiva significa atravessar os muros impostos e construídos pelo *status quo* colonizador e lutar, por meio de práticas analíticas diversas, por justiças social e racial, que estão intrinsecamente ligadas a direitos linguísticos, uma vez que essas lutas são atravessadas pelas linguagens.

Portanto, este trabalho utiliza os construtos “entextualização” (Rampton, 2006; Blommaert, 2012), “indexicalidade” (Hanks, 1999) e “ideologias linguísticas” (Silverstein, 2003), advindos da Antropologia Linguística, como categorias de análise a fim de refletir sobre os contextos de uso das palavras “cria” e “negrinha/neguinha” em letras de rap. Ademais, utiliza-se a metodologia de pesquisa qualitativa, uma vez que ela permite o entrecruzamento entre experiência e ciência. “A competência da pesquisa qualitativa é, portanto, o mundo da experiência vivida, pois é nele que a crença individual e a ação e a cultura entrecruzam-se.” (Denzin; Lincoln, 2006, p.22).

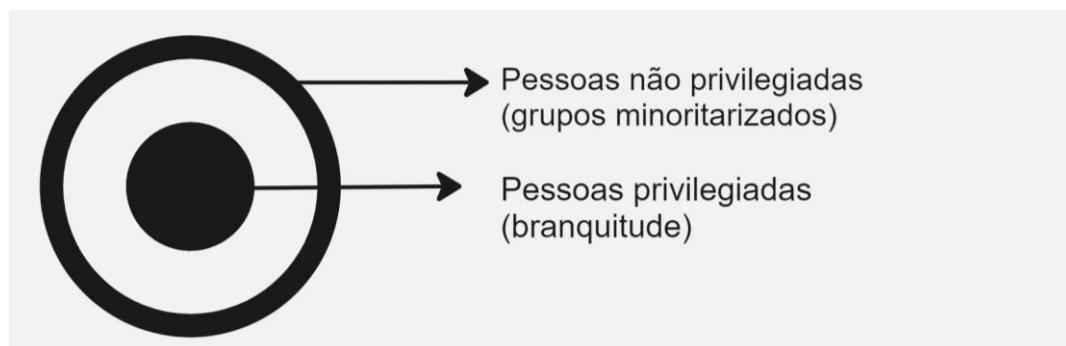
O construto/categoría de análise “entextualização” diz respeito às viagens textuais e contextuais das palavras, dos textos e dos respectivos discursos, isto é, o que é dito/escrito no momento presente já foi dito/escrito no passado. Dessa forma, a linguagem é a constante ocorrência de entextualizações, pois as palavras e textos viajam entre contextos e situações comunicativas, o que corrobora para a expansão de significados. Já a indexicalidade refere-se aos sentidos e ideologias que são produzidos a partir das entextualizações, ou seja, os indivíduos, ao entextualizarem uma palavra, o faz a fim de utilizá-la com algum significado específico, logo, as indexicalizações e as entextualidades acarretam em ideologias linguísticas específicas. Essas ideologias linguísticas se caracterizam pela produção de crenças a respeito da língua e de seus usos pessoais e sociais. Essa racionalização sobre a língua está atravessada por avaliações, julgamentos de valor, relações e interesses. Um exemplo de ideologia linguística a partir da entextualização e das suas consequentes indexicalidades seria a concepção de língua provocada pelo vocábulo “pretoguês” (Gonzalez, 1984). De acordo com Galindo (2022), o nome “pretoguês” foi criado pelo colonizador para desumanizar o colonizado em razão das línguas que ele, o colonizado, falava. Assim, para o colonizador, um escravizado africano e afrobrasileiro falava um “mau português”, um português que não era “puro” como o português europeu. Essa ideologia linguística da “pureza” das línguas é execrável e absurda. Entretanto, Lélia Gonzalez (1984) entextualiza, a partir do período colonial, o termo “pretoguês”, trazendo novas indexicalizações e, consequentemente, novas ideologias linguísticas. Para ela, o “pretoguês” não é mais um português “mal-falado” e “impuro” — “mal-falado” e “impuro” para quem e para quê? — mas

sim um português que significa resistência, luta e reinvenção da língua(gem). O “pretoguês” é a língua contra-hegemônica que é falada pela maioria do povo brasileiro e deve ter o mesmo status de língua do que a famigerada e falaciosa língua “pura” do colonizador⁴.

Sob essa perspectiva, utilizaremos esses construtos da Antropologia Linguística para estabelecer outras duas categorias de análise a fim de destrinchar e analisar o uso de palavras e expressões racistas: entextualização e indexicalidade de dentro para fora e entextualização e indexicalidade de fora para dentro. A princípio, é preciso destacar o que é entendido como “dentro” e “fora”. A intelectual brasileira Cida Bento, no livro *O Pacto da Branquitude* (2022), destaca o pacto não verbalizado entre pessoas brancas no qual elas se protegem e se fortalecem a fim de desfrutar dos privilégios conseguidos com a colonização, sendo eles materiais e simbólicos. Refletindo sobre tal pacto no âmbito da linguagem, podemos destacar as várias facetas do racismo linguístico como parte dessa herança colonialista, como na inferiorização das formas linguísticas faladas por pessoas negras, a imposição de dicionários e gramáticas normativas e universalizadoras, o sucateamento da educação pública e o uso de palavras e expressões racistas.

Dessa forma, “dentro” e “fora” aludem ao lugar em que os indivíduos estão localizados nos lugares de privilégio, logo, “fora” se refere aos grupos minoritizados e “dentro” se refere à branquitude. Essa percepção pode ser pensada como um círculo, em que esses grupos ocupam diferentes posições.

Figura 1 - Localização dos grupos no círculo



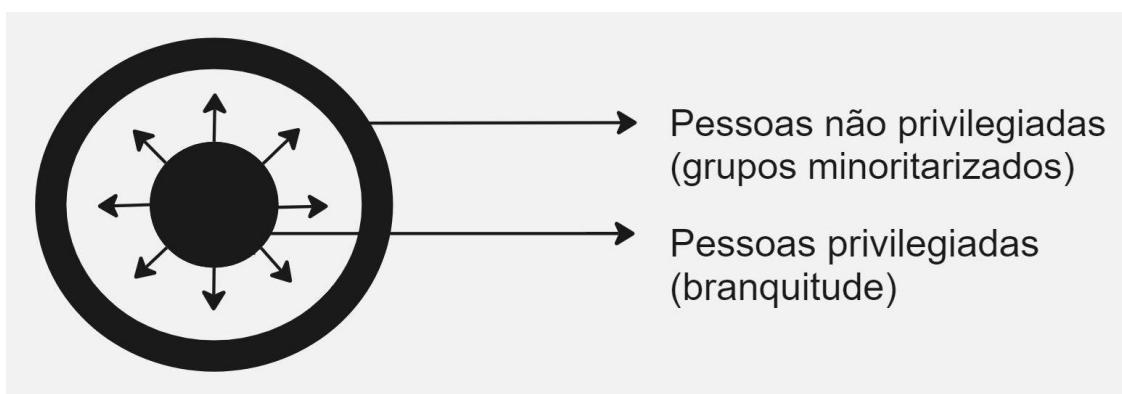
Fonte: Rocha da Silva (2024).

Assim, com base nas posições no círculo, os diferentes grupos entextualizam e indexicalizam palavras e expressões de formas distintas, uma vez que as diferenças também devem ser levadas em consideração para a interpretação e acepção de ideologias linguísticas.

⁴ Para mais discussões sobre os construtos da Antropologia da Linguagem, conferir o texto "Antropologia das linguagens e territórios traslíngues: infinitas possibilidades de (re)existências" (Leroy, 2025).

Quando grupos privilegiados ressignificam e associam significados a palavras e expressões já existentes e os transmitem para os outros grupos, acontece uma entextualização que, por sua vez, produzirá uma indexicalidade de dentro para fora. Sob a perspectiva do racismo linguístico, quando pessoas inseridas nesses locais de privilégios atribuem significados racistas às palavras e expressões e transmitem esses significados para quem está na outra posição do círculo, há a indexicalização da ideologia do racismo linguístico, podendo ser ou não uma discriminação racial direta. Na imagem abaixo, as setas indicam o processo de transmissão de significados, de forma que eles saem de dentro do círculo em direção às margens.

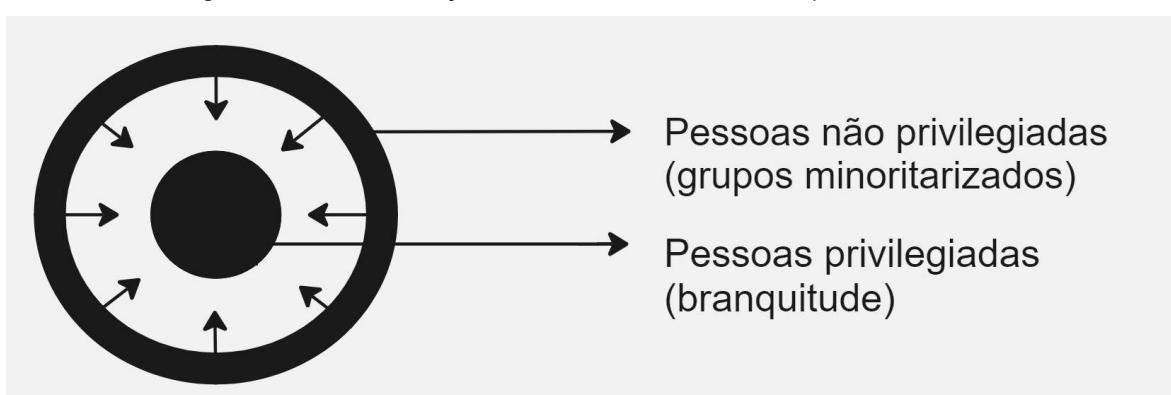
Figura 2 - Entextualizações e indexicalidades de dentro para fora



Fonte: Rocha da Silva (2024).

Por outro lado, é necessário destacar que as pessoas marginalizadas também têm a capacidade de mudar a língua, transformando-a em um espaço de luta por direitos linguísticos, mesmo que inconscientemente. Esse processo pode acontecer nos casos de entextualização e indexicalidade de fora para dentro, em que as setas direcionam os sentidos que saem das margens em direção ao centro.

Figura 3 - Entextualizações e indexicalidades de fora para dentro



Fonte: Rocha da Silva (2024).

Além dessas maneiras de entextualizar e indexicalizar, a metodologia também se ampara em categorias de análise que visam a aprofundar a situação de entextualização, sendo elas: “quem fala”, “como fala”, “de onde fala”, “para quem fala” e a “inteligibilidade”. Esses elementos servem como pistas que tornam nítido o racismo em diferentes entextualizações, pois visam a compreender o contexto em que a entextualização é feita e quais ideologias podem ser indexicalizadas.

As palavras analisadas — “cria” e “neguinha” — foram selecionadas a partir da ferramenta de busca da Hemeroteca Digital, que é um acervo de periódicos brasileiros, como jornais e revistas, que datam de diferentes séculos. Para localizar na plataforma palavras e expressões que poderiam indexicalizar o racismo, foram utilizados termos considerados “chave” — por presumirmos que teriam bastante recorrência nos veículos de comunicação do século XVIII — como negro/negra, e seus respectivos diminutivos, e escravo/escrava, a fim de observar quais outras palavras os acompanhavam. A partir da busca, foi identificado o termo “cria” para se referir a uma criança filha de pessoas escravizadas e também a palavra “negrinha” que, num primeiro momento, fora utilizada como palavra-chave, mas que evidenciou, posteriormente, indexicalidades que mereciam ser analisadas.

Após a seleção das palavras, foram observadas suas respectivas definições nos dicionários, o primeiro, do século XVIII, *Diccionario da Lingua Portugueza* foi usado para compreender as possíveis indexicalidades das palavras no período da escravidão; já o dicionário mais recente, o *Aulete Digital* (2007), para identificar as possíveis indexicalidades nos dias atuais. Com as palavras selecionadas, a etapa seguinte foi a escolha das letras de rap. As músicas *Cheat Code*, das irmãs gêmeas Tasha e Tracie, e *Pretas na Rua*, uma parceria das gêmeas com a rapper belorizontina Iza Sabino, eram de conhecimento de um dos autores do presente trabalho. Já os raps *Onde eu sou Cria*, de Borges, e *Vizão de Cria 2*, rimada por Anezzi, Tz da Coronel, Filipe Ret, Caio Luccas, PJ HOUDINI, MC Maneirinho, Dallass, foram selecionadas a partir de busca nas plataformas digitais Spotify, e Youtube.

Fundamentação teórica e revisão bibliográfica

Para melhor compreender a articulação entre racismo linguístico e o rap, é importante compreender o que são essas dimensões. Na obra de Nascimento (2019), é desenvolvido o conceito de racismo linguístico que, nas palavras de Gabriel Nascimento, é

[...] a relação interdependente de língua e racismo na expansão de seus elementos. Enquanto as palavras da língua são racistas, porque a língua guarda relações racistas, as pessoas usam a língua para metaforizar o racismo com expressões onde pessoas pretas estão na ponta da opressão. (Nascimento, 2021, p. 9)

Sob essa ótica, é possível constatar que o racismo linguístico é uma forma de preconceito que está além do léxico, ele se constrói através da concepção colonizadora e racista de hierarquização racial, uma vez que, de acordo com Verononelli (2015), o conceito moderno de raça posiciona as pessoas em níveis de raça, estando os brancos, mais especificamente os homens brancos, no topo, e os negros na base.

O preconceito racial, de acordo com Luciane Soares da Silva na obra *Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas* (2023),

[...] manifesta-se toda vez em que ocorre o emprego de classificações que têm na raça, enquanto construção social, e não biológica, uma poderosa ferramenta de organização social, hierarquização, inferiorização e reprodução de representações sociais. Da mesma forma, o estereótipo funciona como redutor da complexidade humana, das relações e possibilidades dos indivíduos, posto que são confinados em imagens de grupo racializado, quando há presença de preconceito racial. (Silva, 2023, p. 283)

Sob essa ótica, a marginalização da música e cultura periféricas, comumente associadas a uma cultura inferior e de baixa qualidade pela branquitude, é uma explícita manifestação do preconceito racial, que define essas manifestações como imorais (Silva, 2022). As letras de rap refletem realidades que a branquitude finge não enxergar, uma vez que são músicas que denunciam o racismo enfrentado cotidianamente por pessoas negras, como nos casos de violência policial, na vulnerabilidade social e econômica e no encarceramento em massa. Além das denúncias, o rap também destaca outra realidade que a branquitude finge não enxergar: o empoderamento negro, com pessoas pretas e pardas declarando o amor por seus traços e heranças africanas em contrapartida ao padrão de beleza branco europeu imposto sistematicamente. Cabe destacar também que muitas músicas de rap cantam sobre ostentação e empoderamento financeiro – mais uma realidade que a branquitude finge não existir e se esforça para destruir.

Cida Bento, na obra *O Pacto da Branquitude* (2022), discorre acerca do acordo de proteção selado entre pessoas brancas, no qual elas se protegem e se ajudam como uma forma de se manterem no poder e preservar seus privilégios herdados da escravização e colonialismo, chamado de pacto narcísico da branquitude

Trata-se da herança inscrita na subjetividade do coletivo, mas que não é reconhecida publicamente. O herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente; em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protegê-lo e fortalecê-lo. Este é o pacto, o acordo tácito, o contrato subjetivo e não verbalizado [...]. (Bento, 2022, p. 24)

Assim, as formas e opressão racial, como o preconceito, os estereótipos, as discriminações, entre outras, fazem parte desse acordo não verbalizado, uma vez que essas violências se baseiam na inferiorização de corpos negros para a valorização do branco e perpetuam lugares sociais — e discursivos. Logo, ao reprimir e deslegitimar o rap, a branquitude mais uma vez cria formas de hierarquizar raças e suas culturas, fortalecendo assim o racismo estrutural. Uma das vias usadas pela branquitude para invalidar as letras de rap é a presença do pretoguês, construto ressignificado pela filósofa e ativista Lélia Gonzalez⁵ no texto *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira* (1987):

[...] aquilo que chamo de ‘pretoguês’ e que nada mais é do que marca de africanização do português falado no Brasil [...]. O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes [...] apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente como um todo (e isto sem falar nos dialetos ‘crioulos’ do Caribe). (González, 1988, p. 70)

As letras de rap, em sua grande maioria, são escritas e performadas em pretoguês, língua que também foi estruturada por línguas indígenas e africanas, mas que é sistematicamente reprimida e inferiorizada (Oliveira; Leroy, 2024) considerada “menos prestigiada” e em alguns casos, até mesmo interpretada como “errada”. Sob essa ótica, ao ser uma forma de inferiorizar uma parcela da população através da linguagem e que estigmatiza o pretoguês, o racismo linguístico se mostra como uma das formas de violência da branquitude, o que se estende na estigmatização e marginalização do rap.

Ademais, destaca-se que o racismo linguístico é um dos desdobramentos do racismo estrutural, uma vez que a língua faz parte da estrutura central de uma sociedade (Rocha da Silva, 2024). Levando isso em consideração, as formas de manifestação do racismo linguístico podem aparecer sob o véu do racismo estrutural, ao considerar, por exemplo, a normalização de expressões que colocam – ou colocaram – a população negra em posição de inferioridade, como é o caso de “cria” e “negrinha”, que serão analisadas no presente trabalho. Além disso, o uso dessas expressões também pode evidenciar a discriminação racial, conceituada pela intelectual Márica Machado (2023, p. 124) como

[...] a denegação de igualdade de tratamento a determinados grupos racializados, a partir de critérios arbitrários ligados a estereótipos e estigmas que inferiorizam esses grupos e que lhes resultam em desvantagens, exclusão, hierarquização ou segregação.

⁵ Lélia Gonzalez (1984) ressignifica o termo pretoguês, uma vez que ele foi criado pelo colonizador para diminuir e sub-humanizar a língua falada pelos povos escravizados africanos e afro-brasileiros. Para Lélia, o pretoguês é luta, é resistência e é identidade.

Logo, historicamente a branquitude utiliza do racismo linguístico como uma forma de discriminar a população negra, seja de forma direta ou indireta, principalmente ao se apoderar de palavras e expressões como forma de estereotipar e atacar essa parcela da sociedade.

O hip hop é uma manifestação cultural e política que ganhou popularidade nos anos 1970, nas zonas periféricas dos Estados Unidos, caracterizado pela manifestação de pessoas negras contra a repressão e a violência às quais eram submetidas e que chega ao Brasil em 1980. No trabalho *O Rap é compromisso: o hip hop e suas práticas decoloniais de letramento* (2022), Júlia Botelho (2022, p. 5) afirma que

[...] a cultura hip hop caracteriza-se como uma necessária e politizada prática de letramento decolonial e que se materializa por meio do evento de letramento rap: gênero textual e social que possui características que se repetem a partir das necessidades dos grupos que o originaram.

O hip hop é constituído por 5 elementos — *breakdance*, dj, mc, grafite e conhecimento — e é a partir da cultura hip hop, surge o rap, uma sigla para *Rhythm and Poetry* – Ritmo e Poesia, em português. No artigo “*Negro Drama – Racionais MC’s*: o pretuguês translíngue e os letramentos racial crítico e decolonial como políticas de (re)existênciça (2024), Oliveira e Leroy apontam como o rap é uma prática educacional, uma vez que é uma importante fonte para o Letramento Racial Crítico que

[...] devem estar presentes e também devem ser fomentados nas diversas manifestações culturais que nos constroem e nos projetam como país. É por meio dos letramentos raciais críticos que mobilizaremos contextos e sujeitos diversos para desnaturalização das racializações, isto é, dos processos que visibilizam a falácia e a perversidade das superioridades da raça branca universal socialmente e culturalmente construída. (Oliveira; Leroy, 2024, p. 101)

O rap é o grito contra o racismo e as opressões coloniais que tanto matam e violentam pessoas negras; ele muda realidades e abre caminhos para quem sempre se viu à margem; ele é o meio pelo qual corpos periféricos e marginalizados fazem revolução (Botelho, 2022). O rap é conhecimento, luta e compromisso.

A antropologia linguística é a área dos estudos linguísticos que destaca a relação entre linguagem, cultura e sociedade, de forma a trazer perspectivas interessantes para analisar o racismo linguístico. A obra *Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar: gênero, sexualidade, raça e classe social* (2022), organizada por Luiz Paulo Moita Lopes, Clarissa Rodrigues Gonzales, Glenda Cristina Valim Melo e Thayse Figueira Guimarães, traz os conceitos de entextualização e indexicalidade, construtos da antropologia linguística que analisam a viagem espacial, social e histórica de uma palavra e os sentidos que ela pode atribuir.

De acordo com os autores, a entextualização compreende a capacidade de uma palavra, texto ou Discurso sair de seu “contexto de origem” e transitar em outros contextos,

Assim, podemos pensar o uso da linguagem como resultante de um contínuo processo de contextualizar, descontextualizar e recontextualizar ou reentextualizar vozes, discursos e performances — textos — que precederam nosso enunciado. (Moita Lopes, 2020a *apud* Gonzalez; Melo; Guimarães, 2022, p. 34)

É inevitável que, ao ser entextualizada, uma palavra pode abarcar novos sentidos, logo, novas indexicalidades (Moita Lopes; Gonzalez; Melo; Guimarães, 2022). As indexicalidades são os sentidos que uma palavra, texto ou Discurso atribuem em diferentes entextualizações, ou seja, situações sociais, históricas e contextuais, que podem interferir na interpretação, utilização e significação de determinados termos.

Sob essa ótica, as letras de rap evidenciam o impacto social e histórico das entextualizações e indexicalidades, uma vez que muitas músicas têm em sua composição palavras que eram utilizadas de forma pejorativa contra pessoas negras durante o período da escravização, mas que trazem ressignificações de determinados termos: uma forma de luta e enfrentamento das colonialidades da linguagem e um uso efetivo da Linguística Aplicada Transgressiva (Pennycook, 2006). Assim, destaca-se a relevância do rap na luta contra o racismo linguístico, e as entextualizações e indexicalidades de dentro para fora e de fora para dentro como metodologias perspicazes para compreender o impacto das palavras “cria” e “neguinha” em situações sociodiscursivas distintas, mas que a questão racial está presente.

Análise da palavra *cria*

A palavra “cria” é bastante utilizada em letras de rap e vem ganhando notoriedade em diferentes contextos, principalmente em projetos que envolvem a cultura negra e periférica; um movimento de entextualização e indexicalização de fora para dentro por se tratar de uma significação e ressignificação feita por pessoas que sofrem com a marginalização social.

No *Diccionario da Lingua Portugueza*, produzido por Antônio de Moraes, de 1823, a palavra é definida como:

CRÍA, s. f. O animal novo que ainda mama: v. g. "a égoa com suas crias." Galvão.

Já no dicionário *Aulete Digital*, disponibilizado de forma online, o termo possui a seguinte definição:

(cri.a)

sf.

1. Filhote recém-nascido: A leoa defende com fúria sua cria.

- 2. Pop. Criança (em relação à mãe ou ao pai), filho ou filha, rebento**
 3. Bras. Pessoa criada em casa alheia; AGREGADO: Veio do interior e virou cria da família.
- 4. Bras. Pessoa cuja formação foi influenciada por outrem: Esses artistas são crias do velho mestre.**
- 5. S Pop. Pessoa ou animal que é natural ou procedente de determinado lugar, que cresceu nesse lugar e tem hábitos próprios a ele: Ele é cria da cidade.**
- 6. Grupo de animais que são criados e mantidos por alguém para aproveitá-los no sustento doméstico ou para comercializá-los**
 [F.: Dev. de criar. Hom./Par.: cria (fl. criar)]
 (acessado em: 24/01/2024, grifos dos autores)

Nota-se que o verbete passou por uma expansão de significados dicionarizados, sinal de que pode abranger novas entextualizações e indexicalidades, ou seja, ser inserido em mais contextos. Destaquei aquelas que se aproximam dos usos que serão observados nos exemplos das análises. Ao longo do período escravista, a palavra “cria” era frequentemente entextualizada pelos senhores de escravizados como uma forma de se referir às crianças filhas de pessoas escravizadas, como nota-se no excerto abaixo, retirado do jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*, de 1813:

Vende-se huma preta com cria de 5 mezes e meio, quem a quizer comprar procure-a no Escritorio dos defuntos e auzentes se lhe dirá seu preço
 Fonte: Hemeroteca Digital.

No exemplo acima, datado do século XIX, a entextualização da palavra “cria” é feita na sessão de compra e vendas de um jornal bastante popular e está indexicalizando ideologias colonialistas de animalização e objetificação de pessoas negras, aproximando-se da definição feita por Antônio de Moraes, que, até então, referia-se a animais. Nessa indexicalização há, nitidamente, ideologias racistas de desumanização, tratando pessoas negras como animais a serem comercializados, o que é reforçado com a utilização da palavra “cria”. Percebe-se também que essas indexicalizações obedecem a um padrão colonial de poder e de linguagem, uma vez que são produzidos sentidos racistas, mercadológicos e eurocentrados a partir do significante “cria” e seus derivados. Portanto, são indexicalizações que caracterizam as colonialidades das linguagens. Destrinchando a entextualização, podemos observar:

- (1) Quem fala? Uma pessoa que “possui” uma mulher escravizada e seu filho.
- (2) Como fala? A fala é objetiva e formal, por se tratar de um jornal e de um anúncio de venda.
- (3) De onde fala? Ela usa como veículo o jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*. Ainda, ela fala de um lugar social de privilégios, visto que “possui” escravizados. Podemos inferir, pelo contexto sócio histórico da época, que se trata de uma pessoa branca.

- (4) Para quem fala? A pessoas interessadas em “comprar” escravizados.
- (5) Inteligibilidade: Considerando que o público alvo do jornal eram pessoas brancas, podemos inferir que quem teve contato com anúncio pôde ter ou não interesse. Além disso, o contexto escravista da época normalizou esse tipo de anúncio, de forma que o texto na época não deve ter tido o efeito tão negativo que teria nos dias atuais.

Dessa forma, podemos afirmar que esse caso se trata de uma entextualização e indexicalidade de dentro para fora, uma vez que uma pessoa detentora do poder colonial emprega uma palavra que se refere a animais, ressignificando-a, ou seja, insere novas indexicalizações, e a transmite para as outras pessoas atribuindo a carga do racismo, indexicalizando a dominação colonial, a discriminação racial e o racismo linguístico. Essa realidade fica ainda mais evidente ao destrinchar a entextualização amparando-se nas 5 categorias de análises — quem fala, como fala, de onde fala, para que fala e a inteligibilidade —, pois elas colaboram na análise mais crítica das situações em que a entextualização ocorre. O excerto também evidencia o pacto da branquitude (Bento, 2022), uma vez que expõe a hierarquia de poder e dominação, pois enquanto há pessoas negras sendo tratadas como mercadoria, há indivíduos brancos sendo seus compradores.

Além disso, podemos notar um movimento de frequente entextualizações da palavra “cria” nos dias atuais, porém indexicalizando ideologias referentes ao orgulho e pertencimento periférico. Esses exemplos caracterizam a decolonialidade das linguagens, uma vez que as palavras que outrora significavam opressões e racismo linguístico, agora são ressignificadas por meio das entextualizações e das novas produções de sentidos. Esses novos sentidos produzidos são decolonizadores, pois desnaturalizam as indexicalidades racistas que eram antes produzidas e veiculadas pelo mesmo vocabulário. A música *Aonde Eu Sou Cria* do rapper Borges é um exemplo em que podemos notar essas indexicalizações:

[...]

Aonde eu sou cria ninguém gosta da polícia
Aonde eu sou cria ninguém gosta de racista
Aonde eu sou cria a bala come todo dia
Aonde eu sou cria de nada vale sua vida (uh, uh, balançou)

Cara de playboy, sempre vou ser favelado
Faço muita grana, bolso tá muito pesado
Venho do CPX, mano, eu sou muito respeitado
Não tô rico ainda, por isso pego dobrado

(Fonte: <https://www.letras.mus.br/ngc-borges/aonde-eu-sou-cria-part-ngc-daddy/>. Acesso em: 24 jan. 2024)

- (1) Quem fala? Um cantor negro e da periferia, que também podemos ressignificar como “favelado”.

- (2) Como fala? Ela rima por meio do *rap/trap*, um gênero musical de origem preta.
- (3) De onde fala? Ele fala do lugar social de um homem negro que nasceu na favela.
- (4) Para quem fala? O público alvo do gênero, e de Borges, são jovens negros e periféricos.
- (5) Inteligibilidade: Ao ouvir o rap, os ouvintes percebem a palavra “cria” como um termo que se refere ao lugar onde Borges nasceu. Além disso, nesse contexto pode-se observar que a palavra carrega afetividade.

Na música, Borges, um homem negro nascido na Pavuna, localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro, canta e se posiciona contra as hostilidades que a população negra e periférica sofre, como a repressão policial, o racismo e a violência. O termo “cria” estabelece o vínculo identitário do cantor com seu lugar de origem, indexicalizando ideologias decolonizadoras de pertencimento e orgulho.

Nessa música, diferentemente do exemplo anterior, há uma entextualização que produz indexicalidade de fora para dentro, pois a ressignificação e, consequente expansão de significados, é feita por pessoas que estão fora do lugar de privilégio, em que Borges indexicaliza ideologias ligadas ao empoderamento negro e favelado, ressaltando o orgulho de ser pertencente, ou “cria”, de um lugar, que possui valores antirracistas. Ademais, a canção faz denúncia às injustiças sofridas pelas pessoas que vivem em lugares marginalizados, como a repressão policial, indexicalizando ideologias contra o genocídio da população negra e periférica. A ressignificação de expressões racistas, o que pode ser notada em inúmeras letras de músicas de rap, é extremamente significativa, pois mostra o poder que pessoas alocadas em locais sociais inferiores exercem sobre a língua e a linguagem. Isso caracteriza a decolonialidade das linguagens, uma vez que as colonialidades racistas e opressoras da linguagem foram desnaturalizadas pelas entextualizações e, consequentemente, pelas novas indexicalidades produzidas.

Destaca-se mais um exemplo do uso de “cria” durante o século XIX, desta vez no *Jornal do Commercio*, de 1830:

Compra se para o Rio Pardo, hum escravo Çapateiro que saiba bem cortar, e que seja ainda moço, sadio, e bonita figura, e huma escrava com cria, que esta não exceda de 6 mezes de idade, que saiba perfeitamente coser, engommar, e fazer todo o mais serviço de huma casa, exigindo-se também que seja ainda moça, e de bonita figura; quem os estiver com estas circunstâncias e os quizer vender, dirija-se a F. G. P. Duarte, rua da Misericórdia n. 158

Fonte: Hemeroteca Digital.

Nessa entextualização, nota-se novamente a indexicalização da animalização de pessoas negras durante o período da escravização, anunciando o intuito de “comprar” um ser

humano, além de exigir determinadas características. No excerto fica nítido o que era entendido como “cria” naquele período, pois há a exigência da idade do filho, na época, “cria” era o filho da mulher escravizada, assim como também era o filho da égua, conforme o dicionário de Antônio de Moraes. Essa acepção demonstra nitidamente a perversidade da colonialidade da linguagem, que obedece às características fundantes que estruturam a colonialidade do poder, quais sejam, o racismo, o mercantilismo e o eurocentrismo. O racismo aparece, nesta acepção da palavra “cria”, em razão da desumanização pela cor da pele; o mercantilismo, em razão do execrável ato de vender e comprar uma pessoa como mercadoria; e o eurocentrismo, devido às origens e ascendências europeias da empresa escravocrata colonizadora e de seus integrantes. Ainda, o excerto evidencia o pacto narcísico da branquitude (Bento, 2022), visto que foi o próprio processo de colonização que formou a branquitude, esta que tratou as pessoas escravizadas como objetos, e que ainda segue desumanizando seus descendentes. Analisando o trecho sob as categorias de análise tem-se:

- (1) Quem fala? Uma pessoa que busca comprar uma mulher escravizada que tenha um filho.
- (2) Como fala? Utilizando de linguagem objetiva, porém detalhada.
- (3) De onde fala? Do lugar social de uma pessoa que detém certo poder econômico suficiente para comprar pessoas escravizadas, provavelmente uma pessoa branca.
- (4) Para quem fala? Para os leitores do jornal, mais especificamente aqueles que estão vendendo pessoas escravizadas.
- (5) Inteligibilidade: Quem entrou em contato com o anúncio na época provavelmente achou-o comum, tendo em vista que a compra e venda de pessoas nessa situação era normalizada.

A entextualização acima mais uma vez indexicaliza a dominação colonial, o termo “cria” novamente animaliza uma criança, associando-o a um animal. Destaca-se como o racismo e a opressão colonial não atingia somente os adultos, as crianças negras também eram colocadas em um lugar não humanizado, não podendo nem mesmo viver sua infância, uma realidade que, infelizmente, ainda é percebida principalmente nos grandes centros urbanos nos quais a presença de crianças trabalhando em semáforos e pedindo ajuda ainda é frequente.

No trecho abaixo, da música *Vizão de Cria 2*, que conta com a participação de vários artistas do rap, destaca-se o início do verso de Tz da Coronel:

(Da Coro) menorzin, eu sou cria da Coronel
Vi vários irmão ir morar no céu
Mesmo assim eu sei que o mundo é cruel (TZ)
Quem é tu? Diz pra mim qual é o seu papel
Relato as histórias da mente do nego
Porto uma AK que te faz sentir medo
Te mando, te mando embora mais cedo
Isso é literalmente o enredo

- (1) Quem fala? Um homem negro, nascido na periferia e cantor de rap.
- (2) Como fala? Ele canta utilizando o rap.
- (3) De onde fala? Do lugar social de um homem negro periférico.
- (4) Para quem fala? Tal gênero musical possui, geralmente, como público alvo jovens negros.
- (5) Inteligibilidade: Quem ouve a canção pode se identificar ou não com as letras, e percebe o termo “cria” como uma forma de identificação com determinado lugar.

Nessa entextualização, a palavra “cria” se assemelha ao uso feito por Borges em *Aonde Eu Sou Cria*, de forma que também é usada para se referir à comunidade em que Tz da Coronel nasceu e destaca-se que tal identificação afetuosa também se faz presente no nome artístico de Tz, que morava na Rua Coronel, no Morro do Limão, localizado no Rio de Janeiro. A palavra “cria” está indexicalizando o laço de pertencimento que Tz tem com o lugar onde nasceu, logo, ser “cria” de um lugar é muito mais que apenas morar, significa que o lugar possui intrínseca relação com a forma de ver o mundo e com o desenvolvimento da pessoa. Aqui, a palavra “cria” foi decolonizada de seu sentido opressor e racista. Além disso, em sua rima, no trecho “Vi vários irmão ir morar no céu”, o rapper destaca a violência que, infelizmente, é comumente presenciada e assombra o cotidiano de jovens negros periféricos no Brasil que vê seus amigos, vizinhos e familiares perderem suas vidas.

Análise da palavra *Neguinha/Negrinha*

O rap feminino tem ganhado destaque nos últimos tempos devido ao talento e desenvoltura das rappers, em sua maioria, mulheres negras, que cantam sobre autoestima, autonomia, visão de futuro, sexualidade, entre outros assuntos, sendo referência e inspiração para mulheres de variadas faixa-etárias. Com rimas potentes e impactantes, muitas rappers também são figuras importantes na ressignificação de palavras e expressões racistas consolidadas no imaginário brasileiro através de suas rimas. A palavra “neguinha” aparece em várias letras, horas utilizando de estratégias como a ironia, horas ressignificando o termo.

De início, destaca-se as definições da palavra nos dicionários *Diccionário da Língua Portugueza* (1823) e *Aulete Digital* (2007). No *Diccionario da Língua Portuguesa* (1823), só foi identificada a definição de “negrinho”, no masculino. No entanto, podemos compreender

que “negrinha”, no feminino possui o mesmo sentido, porém, para se referir às meninas negras:

NEGRÍNHO, adj. Algum tanto negro. §. subst.
Rapaz preto, §. Ü. Alfeloa de melaço.

No *Aulete Digital* (2007), a palavra “negrinha” possui a seguinte definição:

s. f.
dim. de negra.
Erva que nasce entre as searas de trigo.
Vara que é insígnia de mordomo-mor do paço.
(Zool.) O mesmo que ferreirinha (ave).
Ave palmípede (*Oidemia nigra* ou *Fuligula cristata*, L.), outrrossim negrola e negrela. O mesmo que acentor.
O mesmo que ostraceiro. **F. Negrinho.**

Destaco a última definição, em negrito, que dispõe que a palavra é o feminino de negrinho. Assim, no mesmo dicionário, “negrinho” é definido como:

(ne.gri.nho)
sm.
1. Negro muito jovem; criança negra
2. SP Café simples; PRETINHO
3. Cul. Tipo de chouriço feito de sangue e sobras de gordura e carne de porco;
CHOURIÇO MOURO
4. Bot. Casta de uva tinta bastante produtiva
[F.: negro + -inho.]

A entextualização abaixo foi retirada do jornal *Diário do Rio de Janeiro*, de 1840:

Vende-se uma bonita negrinha de naçao, de 13 a 14 annos, sabendo coser, ensaboar, e engomar liso sofivelmente, e um moleque da mesma idade, proprio para officio; deos preços são commodos, e vendem-se por precisan
Fonte: Hemeroteca Digital

- (1) Quem fala? Uma pessoa “dona” de pessoas escravizadas. Novamente, trata-se de alguém que detém privilégios, provavelmente branca.
- (2) Como fala? Ela anuncia, utilizando uma linguagem sucinta e objetiva, em um jornal de grande circulação da época.
- (3) De onde fala? Do lugar social de alguém que é privilegiado, utilizando como veículo o jornal *Diário do Rio de Janeiro*.
- (4) Para quem fala? A pessoa se direciona a quem tem interesse em “comprar” a menina que está sendo anunciada, além do menino.

(5) Inteligibilidade: Tendo em vista o público alvo, quem teve contato com o anúncio pode ter se interessado ou não.

Esse excerto traz uma entextualização de dentro para fora, uma vez que a conotação da palavra “negrinha” indexicaliza ideologias de desumanização que foram instituídas por pessoas brancas, mais uma vez, a fim de diminuir o corpo negro. Mais uma vez, o vocábulo “negrinha”, neste contexto, reflete a colonialidade da linguagem e as hierarquias de poder, propagados e disseminados pela branquitude e seu pacto narcísico (Bento, 2022). Além disso, destaca-se a idade da menina de quem a entextualização se refere; no artigo *Moleque, ingênuo e menor: expressões do racismo*, Escrito por Danyelen Pereira Lima e Gabriela Guarnieri de Campos Tebet (2019), é destacado o debate acerca do direito à infância que não foi concedido às crianças negras do fim do século XIX e ao longo do século XX, uma vez que várias palavras eram associadas às crianças para desassociá-las à infância, que era concedida aos filhos e filhas de pessoas brancas.

Com a discussão da construção do conceito de menor e o de criança, questionamos a construção do conceito de infância na sociedade brasileira no fim do século XIX e início do século XX, consideramos que essa construção esteve ligada a uma lógica racial, partindo de um conceito de criança eurocêntrico, considerava crianças os filhos brancos da elite e as crianças negras eram consideradas menores, não eram vistas como iguais pela sociedade. (Lima; Tebet, 2019, p. 1)

Sob a mesma perspectiva das pesquisadoras, pode-se refletir acerca da palavra “negrinho”, que se referia ao “rapaz preto”, conforme o dicionário de Antônio de Moraes, mas que na entextualização analisada pode se referir a meninas negras. A entextualização indexicaliza o racismo que objetifica corpos negros mas também indexicaliza ideologias coloniais por meio da colonialidade da linguagem e que olham crianças negras como objetos a serem vendidos, bem distante da concepção concedida às crianças brancas.

O conceito de criança que a sociedade utiliza atualmente no senso comum, nos discursos, nos meios sociais, está ligado a um indivíduo de pouca idade, que precise de proteção e cuidados, nos discursos legais, nacionais e internacionais, a criança é considerada como sujeito de direitos. Entretanto, se considerarmos a desigualdade social e racial que existe no Brasil percebemos que algumas crianças não desfrutam desse status de sujeito de direitos e muitas vezes não são vistas como crianças. (Lima; Tebet, 2019, p. 2)

Logo, percebe-se que nesse contexto, além do racismo linguístico, o uso do termo revela uma das facetas do racismo, que desumaniza, objetifica e animaliza pessoas negras independentemente da idade.

Agora, iremos analisar a música *Pretas na Rua*, cantada pela rapper Iza Sabino em parceria com a dupla Tasha e Tracie, na qual há uma entextualização da palavra “negrinha”:

Mas de 1 no line e fora da poesia não pode existir
Na Internet é tap tap tap in
Toda mulher preta foi **neguinha**
Cês brinca que noiz respira e come rima com farinha
Pra comparar noiz com blanca de trança e mc que faz sopa de letrinha
Porra
Mas não dá pra levar sério quem quando é conversa é rima não da props da
Clara Lima

- (1) Quem fala? Tracie, uma rapper negra.
- (2) Como fala? Ela canta, através das suas rimas.
- (3) De onde fala? Ela fala do lugar social de uma mulher negra que nasceu em uma favela.
- (4) Para quem fala? O público alvo são meninas e mulheres negras.
- (5) Inteligibilidade: O público alvo desse rap, meninas e mulheres negras, provavelmente se identificaram com o que é cantado.

Ao dizer que “Toda mulher preta foi neguinha” a rapper Tracie alude ao preconceito que muitas meninas negras sofrem, principalmente na infância e adolescência, por sua aparência que carrega traços fenótipicos negros e por não estarem inseridas no padrão de beleza branco e eurocêntrico. A “neguinha” é a menina que constantemente foi invisibilizada e inferiorizada por sua aparência, uma vivência que é compartilhada por mulheres negras de todos os lugares do Brasil. O vocábulo “neguinha” caracteriza, nitidamente, a colonialidade da linguagem. O verso, ademais, pode ser considerado um exemplo da dororidade, conceito criado pela escritora brasileira Vilma Piedade, que diz respeito ao fato de mulheres negras se identificarem e compartilharem entre si vivências, traumas e problemas que possuem em comum. Nesse excerto, portanto, há o uso de uma entextualização de dentro para fora, uma vez que o sentido utilizado alude ao significado por pessoas brancas. Entretanto, por mais que esteja utilizando o significado que foi construído pela branquitude, Tracie o utiliza como uma forma de denúncia, uma vez que não o utiliza para se referir a alguém a fim de discriminá-lo, mas sim de narrar uma vivência que ela e muitas outras meninas negras têm em comum.

A música a seguir, intitulada “Cheat Code”, também é cantada pela dupla Tasha e Tracie:

Bad bitch, preta chefe, in this mutha
No bulso aqualand, Adidas preto e rosa
Percebe como é uma roda
E hoje nós que tá no auge
Neguinha drake enjoada

Contando os plaque de bounce
Trampa de noite e de dia
Nóis é o topo e a base

- (1) Quem fala? A rapper Tasha, uma mulher negra e periférica.
- (2) Como fala? Ela canta através do rap.
- (3) De onde fala? Ela fala do lugar social de uma mulher negra e periférica.
- (4) Para quem fala? O público alvo das músicas são meninas e mulheres negras.
- (5) Inteligibilidade: Quem ouve a música pode se identificar ou não com a letra.

Nesse sentido, a artista entextualiza o termo a fim de utilizá-lo como uma forma de empoderamento e autoestima, pois ao se autointitular uma “neguinha drake”, a rapper faz alusão ao estilo “mandrake”, que diz respeito à moda de periferia e pode ser observada em roupas, acessórios, cortes de cabelo e calçados. Nesta entextualização, há a indexicalização de ideologias relacionadas ao empoderamento negro, principalmente dentro do recorte de gênero e raça, note-se, então, que se trata de uma entextualização e indexicalidade de fora para dentro. Além disso, a música também indexicaliza ideologias que dizem respeito ao esforço em mudar de vida, ao cantar “Trampa de noite e de dia/nóis é o topo e a base”, o que incentiva as “neguinhas drakes” a correrem atrás dos seus sonhos e mudar a realidade em que vivem. Todas as indexicalidades descritas acima demonstram o poder que a ressignificação da linguagem apresenta para decolonizar as colonialidades das linguagens.

Conclusão

Através das análises, pode-se perceber que as letras de rap são muito importantes para a decolonização e ressignificação de palavras e expressões racistas através da expansão da possibilidade de entextualizações e indexicalidades. Tal expressão cultural reforça o poder que pessoas marginalizadas socialmente exercem sobre a língua, mostrando que a linguagem extrapola ideologias colonialistas que, muitas vezes, são respaldadas por gramáticas e dicionários normativos. Foi possível notar, também, que as palavras não são, por si só, racistas. O contexto social, cultural e histórico influencia nas formas como determinados termos podem ser usados e interpretados, de forma que aspectos extralingüísticos dão pistas sobre essas utilizações, visto que “quem fala”, “como fala”, “de onde fala”, “para quem fala” e a “inteligibilidade” auxiliam na identificação do racismo pela língua.

Além disso, o trabalho evidenciou como a estigmatização do rap, um gênero musical que, em muitas letras, denuncia injustiças e relata as vivências de grupos socialmente marginalizados, se materializa como uma violência simbólica da branquitude, respaldada pelo racismo na forma de discriminação racial, estereotipização e preconceito.

Trabalhos como este são muito relevantes para que possamos ressignificar e decolonizar, por meio da Linguística Aplicada, expressões que antes eram consideradas pejorativas e, sobretudo, para promovermos justiças social e racial por meio das linguagens, desestabilizando o *status quo* colonizador e estimulando práticas antirracistas que visibilizam as “solidariedades dos existires” (Freire, 2013).

Referências

- ANEZZI; CORONEL, T.; RET, F.; LUCCAS, C.; HOUDINI, P.; MANEIRINHO; DALLAS. **Vizão de Cria 2.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Sau1_hWFHJE&t=3s. Acesso em: 12 abr. 2025.
- AULETE DIGITAL. Cria. In: **Aulete Digital**. Disponível em: <https://aulete.com.br/cria>. Acesso em: 24 jan. 2024.
- AULETE DIGITAL. Negrinha. In: **Aulete Digital**. Disponível em: <https://aulete.com.br/negrinha>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- AULETE DIGITAL. Negrinho. In: **Aulete Digital**. Disponível em: <https://aulete.com.br/negrinho>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- BENTO, C. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BLOMMAERT, J. Chronicles of Complexity: Ethnography, Superdiversity and Linguistic Landscapes. **Tilburg Papers in Culture Studies**, artigo 29, 2012.
- BORGES. Aonde Eu Sou Cria. **Borges**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ngc-borges/aonde-eu-sou-cria-part-ngc-daddy/>. Acesso em: 24 jan. 2024.
- BOTELHO, J. **O rap é compromisso o hip hop e suas práticas decoloniais de letramento**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FERREIRA, A. J. Letramento Racial Crítico. In: MATOS D. C. V. S.; SOUSA C. M. C. L. L. (org.). **Suleando conceitos e linguagens**: decolonialidades e epistemologias outras. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 207–214.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 16 set. 2024.
- GALINDO, C. W. **Latim em pó**: um passeio pela formação do nosso português. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.
- GONZÁLEZ, L. Racismo e sexism na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, p. 223–244, 1987.
- HANKS, W. Indexicality. **Journal of Linguistic Anthropology**, v. 9, p. 124–126, 1999.

LEROY, H. R. Antropologia das linguagens e territórios translíngues: infinitas possibilidades de (re)existências. In: OLIVEIRA, G. C. de A.; QUEIROZ, A. J. F. de; AGUIAR, A. E. de. **Decolonialidade como prática de resistência e esperança no ensino-aprendizagem de línguas-literaturas-linguagens**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. p. 301–313.

LIMA, D. P.; TEBET, G. G. C. Muleque, ingênuo e menor: expressões do racismo. 2019. In: CONGRESSO DE PESQUISADORES/AS NEGROS/AS DO SUDESTE, 3, 2019, Vitória. **Anais do III Copene Sudeste**. Vitória: ABPN, 2019. p. 1–13.

MACHADO, M. Discriminação racial. In: RIOS, F.; SANTOS, M. An.; RATTS, A. (org.). **Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2023. p. 123–129.

MOITA LOPES, L. P.; GONZALES, C. R.; MELO, G. C. V.; GUIMARÃES, T. F. **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar**: gênero, sexualidade, raça e classe social. São Paulo: Parábola, 2022. p. 34–72.

MORAES, A. Cria. In: **Diccionario da Lingua Portugueza**. Lisboa: Typ. de M. P. de Lacerda, 1823.

MORAES, A. Negrinho. In: **Diccionario da Lingua Portugueza**. Lisboa: Typ. de M. P. de Lacerda, 1823.

NASCIMENTO, G. Racismo linguístico é sobre palavras? Um prefácio. **Língu@ Nostr@**, Vitória da Conquista, v. 9, n. 1, p. 3–15, 2021.

NASCIMENTO, G. **Racismo Linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento Editorial, 2019.

OLIVEIRA, D.; LEROY, H. R. “Negro drama – racionais mc’s”: o pretuguês translíngue e os letramentos racial crítico e decolonial como políticas de (re)existência. In: MARINS COSTA, E.; SARTORI, A. T. (org.). **Diálogos entre a universidade e a escola**: contribuições do Profletras. Campinas: Mercado de Letras, 2024.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67–84.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 107–130.

RAMPTON, B. **Language in Late Modernity**: Interaction in an Urban School. Cambridge: CUP, 2006.

ROCHA DA SILVA, T. **O racismo linguístico enquanto vertente do racismo estrutural**: análise de palavras e expressões racistas com base em construtos da antropologia linguística. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

SABINO, I.; TASHA; TRACIE. **Pretas na Rua**. Disponível em: <https://youtu.be/cQWXsnoDMHU?si=uXwcDNXTQX5nd5pt>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SILVA, L. S. Preconceito racial. In: RIOS, F.; SANTOS, M. A.; RATTS, Alex (org.). **Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2023. p. 283–285.

SILVERSTEIN, M. Indexical Order and the Dialects of Sociolinguistic Life. **Language na Communication**, v. 23, p. 193–229, 2003.

TASHA; TRACIE. **Cheat Code**. Disponível em:
<https://youtu.be/vShmptzj95o?si=fZUUAY2C9tHTrir2>. Acesso em: 10 abr. 2025.

VERONELLI, G. A. Sobre la colonialidad del lenguaje. **Universitas Humanística**, v. 81, p. 33–58, 2015.

Sobre os autores

Henrique Rodrigues Leroy

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2902-1713>

Doutor em Letras – Linguagem e Sociedade - pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Mestre em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Graduado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Adjunto da Faculdade de Letras da UFMG, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos no Mestrado Profissional em Letras.

Thainá Rocha da Silva

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-5735-0004>

Bacharel em Letras com habilitação em linguística do texto e do discurso pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisadora voluntária PRPQ.

Recebido em abr. 2025.

Aprovado em nov. 2025.